

FREIRE :
FILHO, João e :
JANOTTI :
JR., Jeder :
(orgs.). :

Comuni- :
cação & Música :
Popular :
Massiva. :

Salvador: :
EDUFBA, :
2006. :

Rompendo o silêncio: a música popular como objeto de estudo do campo da Comunicação

Felipe Trotta

A coletânea *Comunicação & música popular massiva*, organizada por João Freire Filho e Jeder Janotti Jr., pode ser definida, com uma certa licença poética, como um livro sobre o silêncio. Seu ponto de partida, segundo os organizadores, é exatamente a constatação de que são poucos os estudos focados nas “especificidades midiáticas” da música popular. Apesar de ser possível verificar um aumento progressivo no interesse pelo tema “em congressos e outros encontros acadêmicos”, ainda “são raras as publicações e os espaços de interlocução” (p.7). Ou seja, há um certo silêncio dos pesquisadores do campo da Comunicação sobre as práticas musicais que circulam em larga escala pela sociedade, conquistando mentes, corações, construindo teias de relacionamentos, identidades coletivas, pensamentos e valores.

No entanto, não se trata de um livro silencioso. Em suas páginas, é possível ouvir o som das guitarras do rock, a levada contundente do hip-hop, o samba da Lapa carioca e até as paisagens sonoras da música ambiente. Com a intenção de preencher “parte desta sensível lacuna”, a coletânea divide-se em duas partes: a primeira é formada por quatro textos de perfil mais teórico que buscam propor e desenvolver ferramentas de análise para os fluxos de comunicação envolvidos nas práticas de música popular; a segunda, destinada a “estudos de caso”, é composta por cinco textos que abordam aspectos diferenciados do fazer musical massivo. Os nove trabalhos demonstram em seu conjunto a diversidade e a riqueza de possibilidades que o estudo da música popular pode trazer para o campo, inclusive problematizando alguns aspectos da circulação massiva de música praticamente inexplorados na produção acadêmica sobre o tema.

O artigo de abertura funciona como uma espécie de editorial da coletânea, no qual os autores João Freire Filho e Jeder Janotti Júnior buscam construir uma definição para a *música popular massiva*. Trata-se daquela que, situada entre as práticas folclóricas e a música erudita, se refere “a um repertório compartilhado mundialmente e intimamente ligado à produção, à circulação e ao consumo de músicas conectadas à indústria fonográfica” (p.12). Intitulado “A música popular massiva, o *mainstream* e o *underground*: trajetórias e caminhos da música na cultura midiática”, o texto investiga as estratégias particulares da mídia para a construção do sentido entre os ouvintes e a música (p.13), “cujo ponto de partida é o esforço para atingir o

maior número possível de ouvintes” (p.15). Passam, então, a uma interpretação sobre as “gramáticas de produção e reconhecimento do campo musical”, dividindo o consumo de produtos musicais entre o *mainstream* (“fluxo principal”) e o *underground* (os “produtos subterrâneos”), de acordo com suas respectivas estratégias de conferir valor à música. Enquanto os produtos do *mainstream*, de ampla circulação, caracterizam-se por possuírem exacerbada distância entre as condições de produção e reconhecimento, os produtos de circulação restrita (*underground*) estão diretamente relacionados a uma aproximação entre tais condições (p.19). Ao final, destacam que “os estudos sobre música oriundos do campo da Comunicação devem articular elementos plásticos e midiáticos na investigação sobre o sentido dos produtos culturais contemporâneos”.

“Jovens, espaço urbano e identidade: reflexões sobre o conceito de cena musical” é, como o título exprime, um debate acerca da aplicabilidade do conceito de cena musical enquanto ferramenta metodológica para analisar a música popular massiva. Escrito por João Freire Filho e Fernanda Marques Fernandes, o artigo inicia com um histórico do conceito de subcultura no âmbito dos estudos culturais britânicos, a partir do qual a noção de “cena” emerge como alternativa menos datada ou “elitista”. Segundo os autores, o conceito de cena musical encoraja o exame da “interconectividade entre os atores sociais e os espaços culturais das cidades” (p.30), mostrando-se particularmente instigante para a análise de determinados produtos musicais identificados como “independentes”. Em seguida, analisam o circuito do rock alternativo no Rio de Janeiro e arredores, sublinhando a sua configuração enquanto cena musical.

É também sobre rock que Tiago José Lemos Monteiro escreve, interpretando o sistema de valores e contravalores que compõem a “ideologia do rock”. Em “Identidade, afeto e autenticidade; a (in)validade do discurso da Ideologia do Rock no cenário musical contemporâneo”, o autor observa que esta ideologia instaura oposições entre as noções de autenticidade e artificialidade, criatividade e comercialismo e entre comunidade e massa, que pautam uma gama relativamente ampla de possibilidades de apropriação da música do rock, estabelecendo formas de consumo e construções de sentidos.

Danilo Fraga Dantas introduz uma temática bastante recorrente nos estudos sobre música popular massiva: a questão da performance. Cruzando os trabalhos de Paul Zumthor, Simon Frith e Heloísa Valente, “A dança invisível: sugestões para tratar da performance nos meios auditivos” propõe “algumas indicações para analisar a performance de uma canção” (p.61). O autor se detém especialmente nas nuances que a teoria de performance assume quando aplicada aos principais produtos da indústria fonográfica, essencialmente não-performáticos: o disco e o videoclipe. Em

sua proposta de análise, a ênfase recai sobretudo sobre a importância da voz e do gênero musical no qual tal canção se inscreve.

A segunda parte do livro, dedicada a análises de casos específicos, inicia com o artigo “A política de representação do hip-hop e a lógica mercantil: consenso e dissenso”, de Veneza Mayora Ronsini, que utiliza as noções de dominante e alternativo (bastante análogas aos termos *mainstream* e *underground* do primeiro artigo) para analisar as relações entre a mídia e os grupos de hip-hop, tanto nas formas de representação de sua prática quanto nas estratégias de construção de identidade e visibilidade dos jovens que participam do movimento. Apoiada em entrevistas e em periódicos diversos, a autora tece interpretações sobre os discursos produzidos, atravessados pelo conceito de “classe social”, que “funciona como elemento estruturante das práticas de consumo e de recepção midiáticas” dos jovens (p.71).

Deslocando o foco das atenções para o setor industrial da música popular massiva, Micael Herschmann e Marcelo Kischinhevsky constatam um silêncio ainda mais intenso na produção intelectual do campo sobre o mercado de música e seu funcionamento. Com o título “A indústria da música brasileira hoje – riscos e oportunidades”, o texto descreve as características da indústria da música no Rio de Janeiro, com ênfase no circuito cultural da Lapa, movido a samba e choro, estabelecendo paralelos com a estrutura do grande mercado nacional e internacional. Em sua conclusão, os autores enfatizam a necessidade de elaboração de um planejamento público que garanta a promoção de iniciativas como a da Lapa, propondo ações concretas para a valorização da diversidade cultural no setor musical.

O artigo “Mediações musicais através dos telefones celulares”, de Simone Pereira de Sá, destaca o papel das novas tecnologias que participam “de maneira efetiva do entretenimento e sociabilidade contemporânea” (p.111). A autora estabelece uma aproximação entre a telefonia e a audição de músicas através da noção de “espaço acústico”, argumentando que o surgimento de aparatos de reprodução sonora criaram novas técnicas de ouvir que valoriza os detalhes sônicos (p.117). Nesse sentido, a convergência tecnológica entre telefones celulares e o mercado de música gravada surge como uma integração de ambientes de escuta que complexifica a própria idéia de mídia e transforma as relações interpessoais através de aparelhos eletrônicos.

Denilson Lopes assina o artigo mais poético do livro, intitulado “Paisagens da cultura, paisagens sonoras”. Através da idéia de paisagem, o autor introduz como objeto de análise um produto musical midiático encontrado no que chamamos de “música ambiente”, em certas práticas de “rock de arte” e na música erudita de vanguarda. Segundo Lopes, “a paisagem é mais do que um estilo de pensar e escrever, é uma forma de viver à deriva”

(p.133), “não é expressão, é impressão” (p.139). A partir da análise de alguns exemplos de músicas, digamos, “paisagísticas”, somos levados a um ambiente musical no qual a própria idéia de ritmo como eixo da estética musical se enfraquece, cedendo espaço para a desaceleração e a contemplação.

Do texto impressionista de Denílson, passamos a uma espécie de choque de realidade do artigo que encerra o livro, “Propriedade intelectual da música *on-line*: conflitos entre cultura e mercado”, de Rose Marie Santini. A autora oferece um mapeamento bastante completo das discussões acerca da questão dos direitos autorais e conexos relacionados ao mercado musical e sobre o impacto das novas tecnologias (sobretudo a Internet e os sistemas P2P) nessa configuração ética e legal. Destaca o surgimento da noção de *copyleft* e aponta para um cenário de relativo otimismo ao sublinhar que “o centro da Internet não é o mercado e a comercialização de informações, mas, pelo contrário, a circulação livre de informação” (p.157). Em seguida, analisa o que pode ser resumido como um “conflito entre mercado e cultura”, que tem norteado debates e estimulado pesquisadores do mundo todo a buscar soluções para a questão.

O conjunto dos textos é uniforme e muito bem selecionado, e todos apresentam discussões relevantes sobre o tema do livro. Por outro lado, não podemos deixar de observar uma ausência de considerações estéticas e semiológicas sobre as músicas analisadas – a referida “dimensão plástica” – que tornaria os artigos mais “sonoros”. Também é provável que algumas temáticas discutidas pudessem se beneficiar de um diálogo mais estreito com a produção acadêmica brasileira sobre música popular, interdisciplinar por vocação e necessidade, mas isso de forma alguma altera o excelente resultado geral da coletânea.

O que se ouve o tempo todo a partir da leitura de *Comunicação & música popular massiva* são os tambores urbanos chamando atenção da comunidade acadêmica para um fenômeno que, de tão perto e tão familiar, tem sido paradoxalmente pouco ouvido. O silêncio foi rompido, agora mãos à obra!

FELIPE TROTTA é músico, doutor em Comunicação. Atualmente está realizando um estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).